

"O caminho se faz por entre a vida..."

ANTÓNIO SALVADO

COLÓQUIO SOBRE
A SUA OBRA POÉTICA

COMUNICAÇÕES

Título

- Colóquio "O caminho se faz por entre a vida"

Coordenação da edição

- Carlos Semedo

Comissão Executiva do Colóquio

- António Lourenço Marques
- Carlos Semedo
- Fernando Paulouro Neves
- José Pires
- Manuel Costa Alves
- Maria de Lurdes Gouveia Barata

Propriedade

- Câmara Municipal de Castelo Branco

Design e paginação

- Helder Milhano

Ilustração da Capa

- Helder Milhano

Edição

- RVJ - Editores, Lda / Av. do Brasil n.º 4 r/c - Apartado 262 - 6000-909 Castelo Branco
Tel: 272 324 645 Telm: 965 315 233 www.rvj.pt Email: rvj@rvj.pt

Tiragem

- 500 exemplares

ISBN

- 978-989-8289-84-1

Depósito Legal

•

Data

- 2017

ÍNDICE

• APRESENTAÇÃO	7
• CONFERÊNCIA INAUGURAL "OS ARCANOS DA MEMÓRIA NA POESIA DE ANTÓNIO SALVADO" de Paulo Samuel	9
• DIMENSIÓN LÍRICA Y TRASCENDENCIA DE UN ALBICASTRENSE LLAMADO ANTÓNIO SALVADO de Alfredo Pérez Alencar	27
• LIMIAR. FIGURAS DA TRANSCENDÊNCIA NA POESIA DE ANTÓNIO SALVADO de António Pedro Pita	45
• ANTÓNIO SALVADO, O POETA DA LUZ de António dos Santos Pereira	51
• ANTÓNIO SALVADO: AÍ DENTRO DO POEMA (ESTÁ DEUS) de Carlos Lopes Pires	57
• SOBRE A POESIA DE ANTÓNIO SALVADO: ALGUMAS IMPRESSÕES de Cristino Cortes	61
• ANTÓNIO SALVADO UN POETA DE ESPLENDOROSA INSPIRAÇÃO E FASCINANTE BELEZA de Fabião Baptista	67
• UMA VIAGEM ÀS ESSÊNCIAS: ENSAIO SOBRE "AURAS DO EGEU E DE TODOS OS MARES", UM LIVRO DE ANTÓNIO SALVADO de Gabriel Magalhães	71
• SOBRE A NATUREZA DA ARTE POÉTICA de Joaquim Domingues	77
• O ELEMENTO MITOLÓGICO CLÁSSICO NA OBRA POÉTICA DE ANTÓNIO SALVADO de João Mendes Rosa	87
• POESÍA Y TERRITORIO EN SALVADO: UN APUNTE ESPAÑOL de José Amador Martín Sánchez	97
• A LIÇÃO DO HIBISCO OU A ESPIRITUALIDADE DO POETA de José d'Encarnação	101
• ANTONIO SALVADO - EL ABISMO DE LO INTERIOR de José María Muñoz Quirós	105
• "OUTONO" de ANTÓNIO SALVADO E KOUSEI TAKENAKA de Joana Ruas	107
• PERSPECTIVAS MÉTRICAS NA POESIA DE ANTÓNIO SALVADO de Júlio Amorim de Carvalho	119
• O SENTIMENTO DA NATUREZA E DE PERTENÇA de Luís Cláudio-Ribeiro	133
• LA SERENIDAD HERIDA - HOMENAJE A ANTONIO SALVADO de Luis Frayle Delgado	137
• IMPRESSÕES SOBRE AMBIENTES ATMOSFÉRICOS NA POESIA DE ANTÓNIO SALVADO de Manuel Costa Alves	139

- **O SONETO NA POÉTICA DE ANTÓNIO SALVADO** de Manuel Simões | 143
- **EPIFANIAS DE AFRODITE E MOMENTOS DE REVELAÇÃO NA OBRA DE ANTÓNIO SALVADO**
de Maria Lucília F. Meleiro | 149
- **A POESIA DE ANTÓNIO SALVADO - HABITAR O MUNDO E A LUZ**
de Maria de Lurdes Gouveia Barata | 153
- **"AURAS DO EGEU" ANTÓNIO SALVADO E A HÉLADE SILENCIADA**
de Maria do Sameiro Barroso | 159
- **AS "ODES" DE ANTONIO SALVADO** de Mario Helio Gomes de Lima | 169
- **DUAS PALAVRAS SOBRE ANTÓNIO SALVADO: O HOMEM E O CIDADÃO, O AUTOR PLURAL"**
de Nicolau Saião | 171
- **ANTÓNIO SALVADO: DA POESIA, OU TEURGIA, COMO A TAUMATURGIA**
de Paulo Jorge de Brito Abreu | 177
- **ANTÓNIO SALVADO E A REDENÇÃO DO DIA A DIA** de Reynaldo Valinho Suarez | 187
- **ANTÓNIO SALVADO: IMAGENS DE UM EXTENSO CONTINENTE** de Ricardo Marques | 191
- **MI AMIGO ANTÓNIO SALVADO** de Verónica Amat | 199
- **A POESIA NO SANGUE OU A PELEJA DA FORMA: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE POEMAS
DE ANTÓNIO SALVADO** de Zuleide Duarte | 201
- **FECHANDO O COLÓQUIO ANTÓNIO SALVADO...**
de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata | 205

A LIÇÃO DO HIBISCO OU A ESPIRITUALIDADE DO POETA

José d'Encarnação*

Não acredito! No chão jazes agora, com as cinco pétalas murchas enroladas sobre si mesmas, como que suavemente amortalhadas, a esconder o orgulhoso filete de cinco resplandecentes anteras amarelas que ainda ontem se mostrava ufano no seu esplendor, numa sedução de mui gulosos insectos, dir-se-ia.

Saudei-te ontem, quando, no meio do verde vistoso das folhagens, desabrochavas essas pétalas, também elas a ostentar um amarelo-torrado bem vistoso. Efémera foi, pois, a tua existência, flor!

E, agora reparo, já em teu lugar, num caule ao lado, outro botão surgiu, numa esperança de amanhã ser ele a deliciar-nos a vista!

E dei comigo a reflectir na lição: resplandeceu, deu o que tinha a dar e, passado o seu tempo, serenamente, caiu no mármore do jardim, à espera que a recolhessem e lhe dessem o destino habitual, o regresso à terra, no desejo de a fertilizar.

Assim o Poeta. Como o pintor, o fotógrafo, o músico.... Na captação do momento significativo e significante do dia-a-dia - que «o caminho se faz por entre a vida», escreve António Salvado.

Não, não sou poeta! Gosto, porém, de saborear as palavras bem escritas!

Por dever de ofício, dado que a Associação Cultural de Cascais a que pertença se dedicou a divulgar poetas ditos 'populares', leio e releio poemas e até ousou escrever prefácios e fazer apresentações. Ousadia pura, já sei! Designadamente a partir do dia em que, já muitas rimas me haviam passado pela mão, propus a um colega que, se lhe aprovesse, diligenciasse no sentido de se publicar num jornal singela nota de leitura acerca de um livro de poemas seu. Não lhe aprovou, porque, esclareceu-me, para eu compreender a sua poesia, teria de a ler e meditar toda, todos os livros que publicara!... Reduzi-me, pois, à minha insignificância, garanti-lhe que doravante não mais quereria fazer o papel do sapateiro que pretende ir além da sua chinela.

De novo me surgiu o dilema agora, quando me foi comunicado este honroso convite! Que vou eu dizer? Nada sei de terminologias técnicas, daquelas frases plenas de teoria e de mui elaborados conceitos, eu que, mais do que nas Universidades oficiais, venho diariamente aprendendo naquilo que amiúde se exara no *facebook*: «formado na Universidade da Vida»! E, por outro lado (o que é ainda mais grave!...), que li eu do vastís-

simo reportório de António Salvado? Nada, praticamente nada! Rematada é a ousadia, por conseguinte, que só enorme complacência se arriscará a perdoar!

Que me seduz nos Poetas? Essa sua enorme capacidade de captarem o instante.

Leio amiúde *Poesia – III*, de José Gomes Ferreira. Encanta-me, por exemplo, a «canção daquela borboleta verde que vi, há momentos, aturdida num passeio de Campolide» (XX, p. 23):

Borboleta verde,
aqui não há flores.
- procuras nas pedras
jardins interiores?

E pergunta-lhe, ainda, se procura «perfumes dormidos» ou «flores geladas» para, no fim, lhe declarar:

*Borboleta verde,
chama quase morta.
- Também eu, também,
aos tombos nas pedras,
não encontro a Porta.¹*

De insignificante pormenor se faz meditação, se tiram lições, se buscam sentidos... O hibisco há pouco, a borboleta agora!

Ao andar, nos encontramos connosco e com os outros. E também com o Outro, Deus, na Sua dimensão imprescindível, queira-se ou não.

Encontro que António Salvado fortemente consciencializa em *Na Sua Mão Direita*,² um livro deveras especial, impregnado de ressonâncias bíblicas: a evocação dos apóstolos Paulo, Pedro e Judas numa procura de perdão; a «água niveal de Siloé», símbolo da purificação por que se anseia; a via-sacra da vida, «noite amarga» em busca de «um som de claridade» que anime e revigore...

A epígrafe que abre o volume não deixa dúvidas: vem de Antero a inspiração. Do bem conhecido soneto «Na mão de Deus», que assim começa:

*Na mão de Deus, na Sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.³*

Ofereceram-me um livro estranho,⁴ onde se dá conta de que, com 51 anos de idade, uma matrona romana, Apronénia Avítia, que teria vivido no século IV da nossa era (também essa uma época de grandes interrogações religiosas!), ia fazendo em tabuinhas de buxo, ora encontradas e traduzidas, anotações diárias sobre os mais diversos

1 FERREIRA (José Gomes), *Poesias III*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1971.

2 Edições Sirgo, Castelo Branco, 2013.

3 QUENTAL (Antero de), *Sonetos Completos*, nº 299 de Livros de Bolso Europa-América, Mem Martins, s/ d., p. 149.

4 GUIGNARD (Pascal), *As Tábuas de Buxo de Apronénia Avítia*, Livros Cotovia, Lisboa, 1999 (a 1ª edição, em língua francesa, da Gallimard, é de 1984).

assuntos: listas de compras, episódios quotidianos, impressões de caminho... A mim o que mais me chamou a atenção, porque o sinto, foi a explicação que o autor dá na apresentação (p. 20):

«Este diário é daqueles que um belo dia obedecem de repente a uma intimação irresistível imposta sem dúvida pelo sentimento da morte, mas a hipocondria domina, tornando subitamente necessário anotar com minúcia o estado de saúde, os pormenores das refeições, das crises, dos humores e das insónias».

Creio que também para António Salvado escrever poesia é assim a modos de um halo vital, imprescindível, omnipresente. Não direi que são seus livros um diário, mas eles retratam fielmente a sua forma de estar no mundo: sentimentos, perplexidades, alegrias, lirismos de mui suave recorte... E este *Na Sua Mão Direita* marca, no recanto perdido e achado do seu ser, aquela necessidade íntima de se interrogar sobre o Além, a transitoriedade da vida, o íntimo desejo de, alfim, repousar de uma existência que mui apressadamente se nos escoia por entre os dedos e... para onde é que ela vai ou nos leva?

Em momento de pausa, uma das personagens do livro *Desculpe Sr. Nobel*, de Maria Helena Ventura, cai em si e interroga-se:

«Há fracções de tempo em que o olhar agarra fios de luz vividos e os entrelaça com outros por viver, a cabeça ocupada a tecer relatórios de ontem, de amanhã. Hoje, agora, esta porção de existência ao alcance da mão, fica a planar na linha do horizonte, mais longe do que passado e futuro. Porque não alimentamos a vontade de a vestir de cores alegres? Só a cor sépia do que foi e o matiz do que será têm magia?».⁵

O tempo. A sua relatividade fugaz. O momento que urge saborear, como António Salvado escreve no poema «E tudo é memorar...» inserto em *Sinais do Fluir*, 2014, p. 23:

D'ilusões, de miragens se edificam
os curtos espaços num mudável tempo,
se fazem pontes, metas com limites
mas que se julgam indelévels, firmes.

Que passado futuro nos contempla
no remoinho informe do fluir;
na fé de que o façamos **só** presente
a ser lembrado como tal um dia?
É *Na Sua Mão Direita* uma oração!

Impressionou-me mui favoravelmente - quando, ainda moço, estudei pela primeira vez a antiga civilização egípcia - a informação de que, ao pressentirem aproximar-se o fim do seu percurso terreno, os egípcios procuravam retirar-se para mosteiros e aí apreendiam as regras exaradas n'*O Livro dos Mortos*, espécie de manual de passagem.

No credo católico, súpula de dogmas professados, diz-se, a dado momento,

que, após a Sua breve vida na Terra, Jesus «subiu aos Céus, onde está sentado à direita de Deus Pai». Inspirou esta expressão o pendor filosófico de Antero de Quental e foi esse, já se disse, o mote escolhido por António Salvado.

30 títulos: 28 poemas propriamente ditos, assumindo alguns a forma de soneto mas sem obediência a rima; uma longa oração de prosa poética - «Fere-me os olhos a Tua Luz» (p. 37-38) - e o «Secreto Lugar», em jeito de coroa de cinco sonetos.

Ressonâncias bíblicas: um «salmo com gratidão» (p. 36), de que transcrevo:

«Louvor às palavras, admirável criação, que me deixam dizer louvor e, ainda, muitos outros sentidos de ternura».

«Grato a Ti, Senhor, por em cada instante me re-ensinares a manter-me sob a Tua luz, com fé maior e com a mais viva esperança».

Por todas as páginas, dominante, o diálogo com o Senhor: numa prece «sem melodia, mas de amor ornada»; na consciência do «débil pó» que nos conforma, no desejo místico de, esquecido o tempo e ultrapassado o espaço, a serenidade enfim chegar:

«O coração nas mãos a Ti entrego
A minh'alma em sossego qu'estremece
Quando souber, Senhor, que é a Teu lado.

Na Sua Mão Direita, um testemunho, pois, inesperado: mensagem impregnada de uma tranquilidade que é hora de procurar.

***Professor Universitário. Cronista. Ensaísta (especialista em temática da História Romana).**